



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ALICE LIMA DA SILVA

**PRÁTICA DOCENTE DO CONTEXTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE
DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)**

**CAMPINA GRANDE
2019**

ALICE LIMA DA SILVA

PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia

Área de concentração: Psicologia Educacional

Orientador: Prof. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Alice Lima da.
Prática Docente no contexto de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) [manuscrito] / Alice Lima da Silva. - 2019.
30 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Ensino especial. 2. Prática docente. 3. Didática pedagógica. 4. Hiperatividade. I. Título
21. ed. CDD 371.94

ALICE LIMA DA SILVA

PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE
DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH).

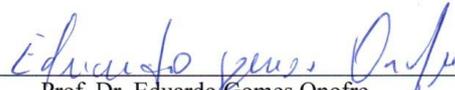
Artigo apresentado em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Psicologia Educacional.

Aprovada em: 10 / 12 / 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Tatiana Cistina Vasconcelos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Joselito Santos
Faculdade Integrada de Patos (FIP)

A minha mãe, pelo incentivo, por me fazer ser a
pessoa que hoje sou, DEDICO.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.”
(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	O surgimento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).....	09
2.1	Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: Conceito e Caracterização.....	10
2.1.1	<i>Causas e tratamento.....</i>	11
2.1.2	<i>Como lidar do ponto de vista educacional.....</i>	13
2.1.2.1	<i>Formação de Professores no contexto da educação inclusiva.....</i>	14
3	MÉTODO.....	16
4	ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS.....	17
5	CONCLUSÃO.....	25
	REFERÊNCIA.....	26

PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

RESUMO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno comportamental que tem como característica a desatenção, desorganização e impulsividade. Tem sido desafiador lidar com o público TDAH, tendo em vista que nem sempre os professores estão preparados para lidar com esse tipo de necessidade educacional. Nesse sentido, este trabalho compreende o contexto educativo de professores da Educação Básica junto a crianças com TDAH, tendo como perspectiva o processo de inclusão. Especificamente, buscou-se verificar o que os professores da Educação Básica entendem por Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), descrever as principais atividades didático-pedagógicas que os professores desenvolvem com seu(a) aluno(a) diagnosticado com TDAH visando o seu desenvolvimento, e elencar os principais desafios para lidar com o processo de ensino aprendizagem de crianças com TDAH. O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, que contou com a participação de 25 professoras do Município de Campina Grande, a estas foi aplicado um questionário no intuito de analisarmos o que as professoras compreendem sobre o transtorno contribuindo assim para obtenção de dados desta pesquisa. A presente pesquisa teve embasamento teórico nos autores Amorim (2010), Rohde e Benzick (1999), Barkley (2002) e Estanislau e Bressan (2014). Os principais resultados desta pesquisa permitiram entendermos que muitos professores, apesar de terem conhecimento do que se trata o TDAH, sabendo identificar as características, não se sentem preparadas pedagogicamente para o ensino de crianças diagnosticadas com TDAH. Portanto, conclui-se a importância de uma formação continuada para os professores, no intuito de aperfeiçoamento em sua prática docente.

Palavras-chave: TDAH. Prática Docente. Inclusão.

ABSTRACT

Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) is a behavioral disorder characterized by inattention, disorganization and impulsivity. Dealing with the ADHD audience has been challenging, given that teachers are not always prepared to deal with this kind of educational need. In this sense, this work understands the educational context of teachers of Basic Education with children with ADHD, having as perspective the process of inclusion. Specifically, we sought to verify what teachers of Basic Education understand by Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), to describe the main didactic-pedagogical activities that teachers develop with their student diagnosed with ADHD aiming at their development, and list the key challenges in dealing with the teaching-learning process of children with ADHD. The present study is configured as a qualitative research, which had the participation of 25 teachers from the city of Campina Grande. A questionnaire was applied to them to analyze what the teachers understand about the disorder, thus contributing to obtain data from this study. This research was based on the authors Amorim (2010), Rohde and Benzick (1999), Barkley (2002) and Estanislau and Bressan (2014). The main results of this research allowed us to understand that many teachers, despite being aware of what ADHD is about, knowing how to identify the characteristics, do not feel pedagogically prepared for the

teaching of children diagnosed with ADHD. Therefore, it is concluded the importance of a continuing education for teachers, in order to improve their teaching practice.

Keywords: ADHD. Teaching Practice. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Sendo a educação um direito fundamental do humano e o seu desenvolvimento efetivo ser apoiado em diversos aspectos, a abordagem dos educandos com *Déficit* de Atenção e Hiperatividade (TDAH) nas escolas passa por diversas vertentes desde o seu diagnóstico precoce até a sua contextualização social, repelindo a segregação e buscando métodos que ao mesmo tempo incluam o educando e ofereçam alternativas e novas abordagens para sanar ou contornar as dificuldades de aprendizagem. Partindo da premissa que a educação é fundamental para o desenvolvimento do sujeito e da sociedade que o cerca, defende-se a necessidade de estudos que abordem de forma profunda e multifocada o TDAH e o processo de inclusão.

A inclusão vai além de apenas matricular o aluno em uma instituição de ensino, mas para além disso, significa: respeitar, aceitar e valorizar as diversidades, atendendo a cada especificidade individual do sujeito, garantindo assim a educação para todos os alunos. É necessário nesse processo de inclusão que sejam participantes os gestores, professores, familiares, os alunos e toda equipe pedagógica, para que de fato ocorra uma inclusão no processo de ensino aprendizagem. Rohde e Benczik (2009), afirmam que TDAH é um transtorno que afeta o comportamento do indivíduo causando: desatenção, inquietação e impulsividade, também chamado de hiperatividade.

O TDAH acomete principalmente crianças, gerando um descontrole comportamental sendo possível identificar o transtorno na sua fase escolar quando a mesma está em contato com outras crianças da mesma faixa etária apresentando comportamentos diferentes do que se é esperado. De acordo com Polanczyk (2008), estima-se que no Brasil a prevalência de crianças com TDAH é entorno de 5% da população escolar com base em avaliações e diagnósticos realizados na área da saúde.

Sendo crescente o número de crianças com transtornos do desenvolvimento, a exemplo do TDAH, no contexto escolar, Gatti (2010) alega que a presença de diversidade de necessidades, bem como de condições, atribui uma reflexão, que busca orientar com seguridade seja a formação inicial docente quanto a formação continuada de forma diversificada atribuídas no currículo conforme a pluralidade do Brasil. Mantoan (2003) destaca que as implicações nas lacunas da formação docente não podem ser impedimentos para o processo de inclusão, a escola de qualidade deve reconhecer todas as diferenças possíveis no âmbito humano.

A inclusão educacional é dever constitucional do Estado, conforme descrito na Constituição Federal Brasileira de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB lei de nº 9.394/96), que visa incluir o aluno com necessidade educacional especial através de métodos, currículos, técnicas especializadas e a inserção deste aluno em uma sala de ensino regular. Assim, adotou-se como aporte teórico os autores Amorim (2010), Rohde e Benzick (1999), Barkley (2002) e Estanislau e Bressan (2014) que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo foi compreender o contexto educativo de professores da Educação Básica junto a crianças com TDAH, tendo como perspectiva o processo de inclusão. Especificamente, buscou-se verificar o que os professores da Educação Básica entendem por Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), descrever as principais atividades didático-pedagógicas que os professores desenvolvem com seu(a) aluno(a) diagnosticado com TDAH visando o seu desenvolvimento, e elencar os principais desafios para lidar com o processo de ensino aprendizagem de crianças com TDAH. A seguir são apresentados uma revisão teórica sobre o tema, o percurso metodológico e os principais achados do estudo.

2. TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH): conceito e caracterização

O TDAH surgiu em meados do século XIX, e por muito tempo passou por várias alterações em sua nomenclatura, tais como: Síndrome da criança hiperativa, reação hipercinética da infância, disfunção cerebral mínima até chegar hoje ao nome que é conhecido, Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperativa. O nome foi dado a partir do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais III Edição (DSM III) em 1980, que estaria relacionando ao comportamento e atenção do sujeito, conforme escreve o autor Phelan (2005, p. 13): “Essa nova definição deixava claro que o ponto central do problema era a dificuldade de se concentrar e manter a atenção” Segundo Barkley (2008), George Still, um pediatra inglês, em 1902 observou durante os seus atendimentos que várias crianças estavam com comportamentos alterados e que não eram comportamentos gerados por falta de disciplina, mas que eram comportamentos gerados pelo fator biológico. Esse descontrole comportamental foi chamado por ele de TDAH. O autor Louzã Neto, descreve o TDAH e o seu o período histórico:

De acordo com Louzã Neto, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é conhecido de longa data, descrições de crianças típicas com esse transtorno aparecendo já no século XIX. Segundo esse pesquisador brasileiro, foi George Frederic Still que, em 1902, descreveu detalhadamente a condição em 43 crianças. Desde então, o TDAH passou por denominações como “Lesão Cerebral Mínima” e “Disfunção Cerebral Mínima”, chegando aos tempos mais modernos com as denominações de “Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade” na DSN-IV da Associação Psiquiátrica Americana” (LOUZÃ NETO 2010, p.88).

As crianças que possuíam o transtorno eram mal vistas pela sociedade, sendo assim taxadas como débil mentais, idiotas, crianças com lesão cerebral mínima, e hoje são conhecidas como crianças com TDAH. Segundo a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA), as primeiras causas do TDAH, foi na literatura infantil Alemã, em meados do século XIX. Segundo o autor Amorim (2010, p.1-2) existem vários tipos de TDAH, sendo estes:

Tipo Desatento: Não enxerga detalhes ou faz erros por falta de cuidado, tem dificuldade em manter a atenção, parece não ouvir, sente dificuldade em seguir instruções, tem dificuldade na organização, não gosta de tarefas que exigem um esforço mental prolongado, frequentemente perde os objetos necessários para uma atividade, distraí-se com facilidade e tem esquecimento nas atividades diárias. **Hiperativo Impulsivo:** Inquietação mexendo as mãos e os pés ou se remexendo na cadeira, dificuldade em permanecer sentado, corre sem sentido ou sobe nas coisas excessivamente, sente dificuldade de se engajar em uma atividade silenciosa, fala sem parar, responde às perguntas antes mesmo de serem terminadas, age a 200 por hora, não consegue esperar sua vez e interrompe constantemente. **Combinado:** Este tipo é caracterizado pelos dois tipos juntos, o desatento e o impulsivo. Esses tipos de hiperativos só são diagnosticados quando têm mais de seis sintomas. (AMORIM, 2010, p.1-2).

Devido à ausência de conhecimento sobre o transtorno e por não se conhecer as características que o mesmo apresenta, muitas vezes as crianças com TDAH, são pré-julgadas, como indisciplinadas, mal comportadas, de modo que esses pré-julgamentos acabam ocasionando conseqüências negativas a criança, podendo apresentar problemas como

depressão, ansiedade, baixo estima, fatores estes que irão impactar de forma direta no seu rendimento escolar.

O Transtorno de *Déficit* de Atenção e Hiperatividade é um transtorno mental que afeta o comportamento do sujeito causando: desatenção, desorganização e impulsividade (hiperatividade). O autor Estanislau (2014, p. 153-154), afirma que:

O transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) é o transtorno mental mais comum na infância (Jensen et. al., 1999), caracterizado por sintomas de desatenção/desorganização, hiperatividade e impulsividade. É considerado um transtorno neurocomportamental, ou seja, a partir de uma disfunção cerebral o indivíduo passa a apresentar problemas de comportamento. (...) Geralmente, o TDAH passa a ser identificável no momento em que a criança começa a necessitar de mais concentração e autocontrole. Isso costuma acontecer ao fim da pré-escola, por volta dos 5 anos (ESTANISLAU, 2014, p.153-154).

A criança com TDAH é uma criança tão inteligente quanto qualquer outra criança que não apresenta o transtorno, contudo, esta apresenta características como: falta de atenção, sente dificuldade em concentrar-se, fala excessivamente, perde seus objetos, não costuma seguir regras que lhe são impostas, entre outros aspectos. Sobre os sintomas do TDAH, os autores Rohde e Benzick (1999) descrevem como:

Ficar remexendo as mãos e pés quando sentado; não parar sentado por muito tempo; pular na hora do diagnóstico, correr excessivamente em situações inadequadas, ou ter uma sensação interna de inquietude; ser muito barulhento para jogar, ou divertir-se; ser muito agitado; falar demais; responder às perguntas antes de terem sido terminadas; ter dificuldade de esperar a vez; intrometer-se em conversas ou jogos dos outros (ROHDE e BENZICK, 1999 p. 39-40).

Vale a pena ressaltarmos que, muitas crianças com TDAH sofrem por rotulações e pré-conceitos devido a sua falta de atenção e o excesso de comportamento gerado pelo transtorno, e que por vezes não são identificados a priori pelos familiares e até mesmo pelos professores. Por outro lado, existem crianças com sintomas semelhantes aos sintomas de TDAH porém não possuem o transtorno, conforme escreve o autor Antunes (2001, p.15) “[...] nem todo caso de desatenção, agitação, descontrole emocional, impulsividade e excitação é necessariamente caso de TDAH”. Seguindo nessa mesma linha de pensamento, o autor Barkley (2008, p. 111) afirma que:

Ser desatento, ativo e um pouco impulsivo obviamente é um aspecto normal da infância e provavelmente reflete o amadurecimento progressivo da inibição e da autorregulação. Portanto, apenas a presença dos sintomas não significa que a criança tenha o transtorno (BARKLEY, 2008, p. 111).

Ou seja, na infância o aparecimento de sintomas semelhantes ao transtorno do TDAH é mais comum, porém não necessariamente a criança pode possuir esse distúrbio, há casos em que trata-se apenas de uma criança mais ativa. Dessa forma, é de grande importância saber distinguir os sintomas e características. O autor Barkley (2002), escreve sobre TDAH:

Um transtorno de desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção, com o controle do impulso e com o nível de atividade. Contudo, [...] é muito mais. Esses problemas são refletidos em prejuízos na vontade da criança ou em sua capacidade de controlar seu próprio comportamento relativo à passagem do tempo – em ter em mente futuros objetivos e consequências. Não se trata apenas [...] de uma questão de estar desatento ou hiperativo. Não se trata apenas de um estado temporário que será superado, de uma fase probatória, porém normal, da

infância. Não é causado por falta de disciplina ou controle parental, assim como não é o sinal de algum tipo de “maldade” da criança (BARKLEY, 2002, p. 35).

É importante que o docente enquanto profissional que está em contato diariamente com a criança, conheça de uma forma mais aprofundada sobre o TDAH, para que seja possível identificar e diferenciá-lo de uma possível falta de disciplina, evitando assim rotulações nessa criança e através de um diagnóstico precoce encaminhar para a equipe especializada, para que sejam tomadas as medidas necessárias para a inclusão dessa criança no âmbito educacional.

Quanto ao diagnóstico do TDAH, o autor Andrade (2000, p.64) afirma que: “o diagnóstico clínico deve ser feito com base no histórico da criança. Observação dos pais e professores é fundamental”. É de suma importância que seja realizada uma investigação completa e aprofundada do comportamento da criança suspeita de TDAH, uma investigação que seja realizada não somente por parte do corpo docente, mas que possa ser um trabalho em conjunto entre: pais, pedagogos, psicólogos, neuropediatras, psiquiatras para que assim possa de fato obter um diagnóstico seguro, e que após esse diagnóstico, possa ser trabalhado práticas diferenciadas para o ensino dessas crianças que muitas vezes são escanteadas, e até excluídas das atividades em sala de aula pelos próprios professores, sendo esquecidas pelos pais e colegas. Ainda sobre o diagnóstico do TDAH, os autores Estanislau e Bressan (2014, p. 158), afirmam que:

O diagnóstico do TDAH é clínico, ou seja, o médico chega ao diagnóstico pela avaliação cuidadosa da história e do comportamento observável da criança ou do adolescente. Nesse processo, a opinião dos professores é decisiva. Ela costuma ser mais precisa do que a dos pais e a da criança, pois professores têm mais referenciais de comportamento (outros alunos), costumam ser mais imparciais e têm a possibilidade de observar a criança “em tarefa”. (ESTANISLAU e BRESSAN, 2014, p. 158).

É com o professor que muitas vezes as crianças passam sua maior parte do tempo, e por ele estar sempre em contato direto com os alunos, o mesmo tem um papel importante, pois muitas vezes é o docente quem primeiro percebe o comportamento agitado da criança, a sua dificuldade em prestar atenção, entre outros aspectos que as vezes não são percebidos pelos os pais em seu ambiente familiar. Embora os professores tenham uma participação importante no diagnóstico do TDAH, apenas o médico é quem pode de fato dizer se a criança é portadora do transtorno ou não.

Ainda não se sabe ao certo o que de fato pode ocasionar o TDAH. Porém, alguns autores afirmam que são vários os fatores que implicam para o surgimento do transtorno. Fatores que podem ser: genéticos, neuroquímicos, complicações no parto e fatores sociais. Sobre as causas do TDAH, o autor Estanislau (2014), afirma:

O TDAH é causado por diversos fatores. Entre eles os fatores genéticos e os riscos biológicos são os mais conhecidos. Os fatores genéticos são considerados os mais importantes, responsáveis por 77% da possibilidade de a pessoa desenvolver características do espectro do TDAH (Faraone et al. 2005). Crianças com esse transtorno têm cinco vezes mais chance de ter pais e/ou irmãos com características semelhantes. Em relação aos riscos biológicos, os mais evidentes até o momento são a prematuridade, o baixo peso ao nascer e a exposição ao álcool ou ao tabaco durante a gestação (ESTANISLAU, 2014, p. 153).

Isso implica dizer que, a criança que possui o Transtorno e *Déficit* de Atenção e Hiperatividade poder ser advindo de algum parente que também possui o transtorno. Além dos fatores citados acima o autor John W. Santrock (2010, p.191) cita algumas possíveis causas:

Ainda não foram encontradas causas definitivas do TDAH. No entanto, um número de causas foi proposto, como hereditariedade, nível baixo de determinados

neurotransmissores (mensageiros químicos no cérebro), anormalidades pré e pós-natais e toxinas ambientais como chumbo (Biederman e Farone, 2003; Waldman e Gizer, 2006). De 30% a 50% das crianças com TDAH têm um irmão ou pai com o transtorno (Heiser e outros, 2004) (SANTROCK 2010, p.191).

De acordo com ambos os autores podemos então dizer que as maiores ocorrências de crianças diagnosticadas com TDAH, são por motivos hereditários, ou seja, possuem parentes que também tem o TDAH.

Quanto ao tratamento do TDAH, o mesmo se dá por meio de um trabalho multidisciplinar que envolve; psicoterapeutas, psicólogos, pedagogos, pais, e em alguns casos o uso de medicamentos. O tratamento é realizado após o diagnóstico do médico, de forma que, tanto o ambiente escolar, quanto o familiar irá desenvolver meios de como lidar com o transtorno dessa criança. Quanto ao uso de medicamentos os autores: Rohde; Roman; Aronivich, (2003) advertem:

No Brasil, o único estimulante encontrado no mercado é o metilfenidato. A dose terapêutica normalmente se situa na faixa entre 20 a 60 mg/dia (0,3 a 1mg/kg/dia). Como a meia-vida do metilfenidato é curta, geralmente utiliza-se o esquema de administração de duas doses por dia, uma de manhã e outra ao meio-dia. Cerca de 70% dos pacientes com TDAH respondem adequadamente aos estimulantes e os toleram bem (ROHDE; ROMAN; ARONIVICH, 2003).

Também chamado de Ritalina, o medicamento é um dos mais utilizados no tratamento do TDAH, que funciona como um psicoestimulante que controla o sistema nervoso central, ajudando na concentração. Um dos desafios encontrados pela escola, no que diz respeito ao público TDAH, é a aceitação por parte dos pais, quanto ao uso de medicamentos, devido aos efeitos colaterais que este venha a ter, assim como apresentar resistência em aceitar que seu filho possui algum tipo de transtorno. Pensando nisso, Mattos (2007) diz sobre a intervenção escolar:

A intervenção escolar é muito importante e em alguns casos pode facilitar o convívio dessas crianças com colegas e também evitar que elas sedesintem pelo colégio, fato muito comum em adolescentes. O problema é a escola participar do tratamento; muitas escolas não apenas desconhecem o TDAH como também não têm o desejo ou possibilidade de participar do tratamento, pelas mais variadas razões” (MATTOS, 2007, p. 43).

Diante disso, cabe a escola aprimorar seus conhecimentos sobre o transtorno, para que seja capaz de criar estratégias que venham tornar o ambiente escolar um ambiente atrativo, de modo que este seja adequado, sendo possível a socialização entre os alunos, bem como o envolvimento da criança nas atividades escolares, e assim orientar os pais sobre o assunto e juntos procurarem ajuda médica para um diagnóstico precoce. Trata-se de uma parceria entre a escola, os especialistas da saúde e a família, com o intuito de proporcionar a essa criança aspectos como: aprendizagem, controle emocional, e um convívio social sem conflitos. Se faz necessário unir forças em busca de um tratamento eficaz.

2.1 TDAH e contexto educacional

É evidente que crianças com TDAH, assim como outros transtornos precisam de um olhar mais atento no que se diz respeito a ensino e aprendizagem. O TDAH, por ser um

transtorno que ocasiona a desatenção, a desorganização, a imperatividade, conseqüentemente afeta o rendimento escolar da criança, o que muitas vezes ocasiona a repetência e a evasão escolar. É nesse sentido que, devemos ver a escola numa perspectiva inclusiva, de modo que esta possa acolher essas crianças proporcionando um ambiente com condições favoráveis para que ocorra a aprendizagem. O autor Reis (2011, p. 8), escreve:

[...] Uma vez diagnosticado o TDAH, esse aluno deve ser considerado como uma criança com necessidades educacionais especiais, pois para que tenha garantidas as mesmas oportunidades de aprender que os demais colegas de sala de aula, serão necessárias algumas adaptações visando diminuir a ocorrência dos comportamentos indesejáveis que possam prejudicar seu progresso pedagógico [...] (REIS, 2011 p.8).

A criança ao ser diagnosticada com o transtorno precisa ser vista pelo professor de uma maneira peculiar, de modo que suas aulas envolvam também essa criança. Pensando nisso, o professor deve buscar aperfeiçoar o seu trabalho, e administrar aulas dinâmicas, diversificadas, com o uso de recursos simbólicos e jogos pedagógicos para que suas aulas não sejam enfadonhas ou desinteressantes, já que o aluno TDAH possui dificuldade em prestar atenção se o assunto não é do seu interesse.

O professor tem um papel significativo, que é proporcionar a criança seu desenvolvimento e conhecimentos que farão do aluno um ser participativo, e ativo na sociedade. E por ele ser o mediador do conhecimento e facilitador da aprendizagem, e que está diretamente em contato com os alunos diariamente, o mesmo é primordial nesse processo de descoberta do transtorno e também no tratamento. Sobre o papel do professor o autor Reis (2011, p.7), escreve:

[...] o professor tem papel fundamental no desenvolvimento das habilidades e controle do comportamento da criança com TDAH. Desse modo, ele deve ser instruído, tanto na formação inicial como na continuada, como também deve ser auxiliado em sua prática pedagógica e deve ter conhecimento sobre o transtorno e as estratégias adequadas em sala de aula para que esses alunos sejam efetivamente inclusos na escola (REIS, 2011, p.7).

Os primeiros sinais do TDAH, eles serão percebidos geralmente pelo o professor, quando em sua sala de aula este se deparar com alunos que apresentam comportamentos diferenciados do que se é esperado naquela faixa etária, conforme escreve o autor Ramos (2012, p. 1):

[...] o professor é um dos primeiros a identificar o comportamento diferenciado da criança e orienta que a primeira coisa a ser feita nesses casos é chamar os pais para conversar e sugerir que busquem ajuda de um especialista. [...] assim que a criança for diagnosticada, deve ter início um acompanhamento multidisciplinar que, na opinião dele, pode contar com um terapeuta, um psiquiatra infantil ou outro médico conforme a necessidade (RAMOS, 2009. In ABDA - 2012, p.1).

É de fundamental importância que os professores ao perceberem ou suspeitarem que a criança possui o transtorno comuniquem a família e assim em parceria com a escola a criança ser encaminhada ao especialista da saúde para que se possa tomar as medidas necessárias para ajudar essa criança.

É imprescindível que o docente tenha conhecimento do transtorno, para que ele tome como ponto de partida os sintomas apresentados pela criança, para que assim possa se pensar em metodologias e métodos eficazes para o ensino destas crianças. O autor Seno (2010, p. 3),

cita algumas sugestões que possam amenizar o comportamento excessivo da criança em sala de aula:

[...] sentar o aluno na primeira carteira e distante da porta ou janela; reduzir o número de alunos em sala de aula; procurar manter uma rotina diária; propor atividades pouco extensas; intercalar momentos de explicação com os exercícios práticos; utilizar estratégias atrativas; explicar detalhadamente a proposta; tentar manter o máximo de silêncio possível; orientar a família sobre o transtorno; evitar situações que provoquem a distração. (SENO, 2010, p.3).

Então, devem ser desenvolvidas atividades curtas, que não sejam repetidas, colocar a criança sentada próximo ao professor irá possibilitar um atendimento mais individualizado. É importante também que na sala de aula não se tenha muitos materiais expostos para que a criança não se distraia. Sendo assim, essas estratégias irão ajudar o professor no que se diz respeito a atrair um pouco mais a atenção da criança TDAH.

Quanto a escola, a mesma tem um papel importantíssimo quando falamos de TDAH. Esta deve ser o ambiente principal que precisa ser abordado e trabalhado o transtorno em questão, sem que feche os olhos para tais crianças que precisam de ajuda, que precisam de mais atenção por parte da escola, da família e da sociedade. Precisa ser trabalhado não somente entre os profissionais de ensino, mas também desenvolver um trabalho que envolva a família, os alunos, e a própria criança portadora do TDAH. A escola deve proporcionar aos docentes tanto formações e capacitações, que auxiliem esse profissional a desenvolver o seu trabalho, como viabilizar recursos e materiais que colaborem para um trabalho satisfatório.

A educação inclusiva se deu em meados da década de 1970, porém, apenas no ano de 1974 com a Declaração de Salamanca esta obteve ênfase no âmbito educacional e social. Desde então, foi atribuído a escola o papel de incluir as crianças com necessidades especiais, independentemente do tipo do transtorno ou deficiência que esta venha a ter.

Percebe-se que a inclusão educacional ainda é algo que não faz parte da realidade de muitas instituições de ensino, pois muitas ainda não possuem estrutura física adequada, apresentando ausência de acessibilidade e carência de profissionais habilitados para realizar um trabalho na perspectiva inclusiva. A autora Silva et al (2018), destaca que:

Após mais de duas décadas desse marco, percebe-se cada vez mais a frequência de crianças com deficiência na escola regular, contudo, os sistemas educacionais se organizam de forma a atender a este público de forma adequada. Muitas escolas ainda apresentam obstáculos estruturais ao acesso de pessoas com mobilidade reduzida, não dispõem de piso tátil, os banheiros, e os espaços de recreação não são adaptados e, há ainda, a carência de profissionais habilitados ao trabalho com surdos, cegos, dentre outros. (SILVA et al, 2019, p. 107).

Uma escola inclusiva é aquela que atende a todos, independentemente das suas particularidades, buscando proporcionar um ambiente adequado e condições propícias para que a aprendizagem ocorra de forma efetiva.

No que se diz respeito aos professores, muitos são os desafios encontrados durante sua trajetória docente, um deles é o de tornar sua prática pedagógica inclusiva para as crianças que possuem algum tipo de necessidade educacional especial. Nesse sentido, podemos perceber que mesmo com o aumento de crianças matriculadas nas instituições de ensino, ainda há uma integração, ao invés de inclusão, desta forma, várias crianças são inseridas no contexto escolar, mas por diversos fatores as mesmas são excluídas como afirma (SILVA et al, 2019).

Os professores são habilitados em sua graduação para exercer a prática pedagógica, contudo, os mesmos precisam ser conscientes de que o mundo possui diversas demandas,

dentre elas estão as necessidades especiais, bem como a inclusão. Dessa forma, há a necessidade de as escolas promoverem capacitações para que os professores lidem com as muitas diferenças existentes no mundo da educação. Sobre formação de professores podemos citar o autor: Mazzotta (1993, p 34 e 45), que diz: “(...) adquirir primeiro, o saber geral comum a todos os alunos, depois, o saber particular que diz como sua profissão (e compreende grande parte de habilidade), e, enfim, exerce-se em sua atividade profissional”. Ou seja, o professor deve ser um profissional com habilidades que sejam capazes de lidar com as diferentes situações que este venha se deparar em sala de aula. É imprescindível que o docente possua uma base desde a sua formação inicial, de conhecimentos a respeito de como se trabalhar em sala de aula com crianças que possuam algum tipo de necessidades educacionais especiais, para que ele possa desenvolver em sua prática docente um trabalho que inclua também todo o público especial.

Além da formação inicial, a formação continuada voltada para uma perspectiva inclusiva é também de extrema importância, pois irá proporcionar aos docentes um conhecimento amplo acerca de como lidar com os alunos especiais, tornando efetivas e qualificadas as suas práticas pedagógicas. Ainda sobre formação continuada, o autor Libanêo (2004, p. 34-35), escreve:

Pela participação e gestão do trabalho escolar, os professores podem aprender várias coisas: tomar decisões coletivamente, formular o projeto pedagógico, dividir com os colegas as preocupações, desenvolver o espírito de solidariedade, assumir coletivamente a responsabilidade pela escola, investir no seu desenvolvimento profissional. Mas, principalmente aprendem sua profissão. É claro que os professores desenvolvem sua profissionalidade primeiro no curso de formação inicial, na sua história pessoal como aluno, nos estágios, etc. Mas é imprescindível ter-se clareza hoje de que os professores aprendem muito compartilhando sua profissão, seus problemas, no contexto de trabalho. É no exercício do trabalho que, de fato, o professor produz sua profissionalidade. Esta é hoje a idéia-chave do conceito de formação continuada. Colocar a escola como local de aprendizagem da profissão de professor significa entender que é na escola que o professor desenvolve saberes e as competências do ensinar, mediante um processo ao mesmo tempo individual e coletivo. (LIBANÊO, 2004, p. 34-35).

A Formação continuada irá promover a toda equipe escolar e principalmente aos professores competências e habilidades para o aperfeiçoamento das suas práticas pedagógicas, através do trabalho coletivo e individual, compartilhando experiências e saberes do cotidiano escolar, além de possibilitar um desenvolvimento profissional.

É inevitável falar de formação de professores e não falar a respeito de planejamento e avaliação. O professor como protagonista do desenvolvimento da criança, é também um mediador da aprendizagem, ou seja, ele é a “peça” principal no desenvolvimento cognitivo do aluno. Dessa forma, “O professor assume-se como um mediador na construção do conhecimento e não mais como um mero transmissor de conteúdos estanques e desvinculados da realidade” (MARQUES, 2008 p. 182). O docente como mediador de práticas inclusivas precisa planejar suas aulas de modo que não sejam exclusivas, mas que atendam a necessidade de cada aluno de acordo com as suas especificidades. Portanto, precisa ter um planejamento flexível. Assim como, ele precisa avaliar constantemente as suas práticas pedagógicas, buscando sempre rever as suas metodologias de ensino. Quanto a avaliação do aluno com necessidade especial, é importante que essa aconteça, para que seja possível perceber a evolução deste aluno e sirva como uma forma de avaliação também do professor, para que este reflita sobre suas práticas pedagógicas na perspectiva inclusiva.

3 MÉTODO

A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso do tipo quantitativo, que visa como objetivo principal a compreensão da prática docente no ensino de crianças com transtorno de atenção e hiperatividade na educação básica, visto que no contexto atual o TDAH tem sido muito presente.

Para a realização dessa pesquisa, foi utilizado um questionário como instrumento para a coleta de dados e direcionados a 25 professores da educação básica no município de Campina Grande.

O trabalho se deu primeiramente com a elaboração do questionário que foi desenvolvido com o auxílio da professora orientadora, contendo dados como: nome, idade, sexo, tempo de atuação, escolaridade e formação. Após a construção do questionário, a pesquisadora se dirigiu a algumas escolas do município, fez a abordagem inicial explicitando os objetivos do trabalho e em seguida distribuiu aos professores o instrumento, de modo que estes aceitaram compassivamente respondê-los.

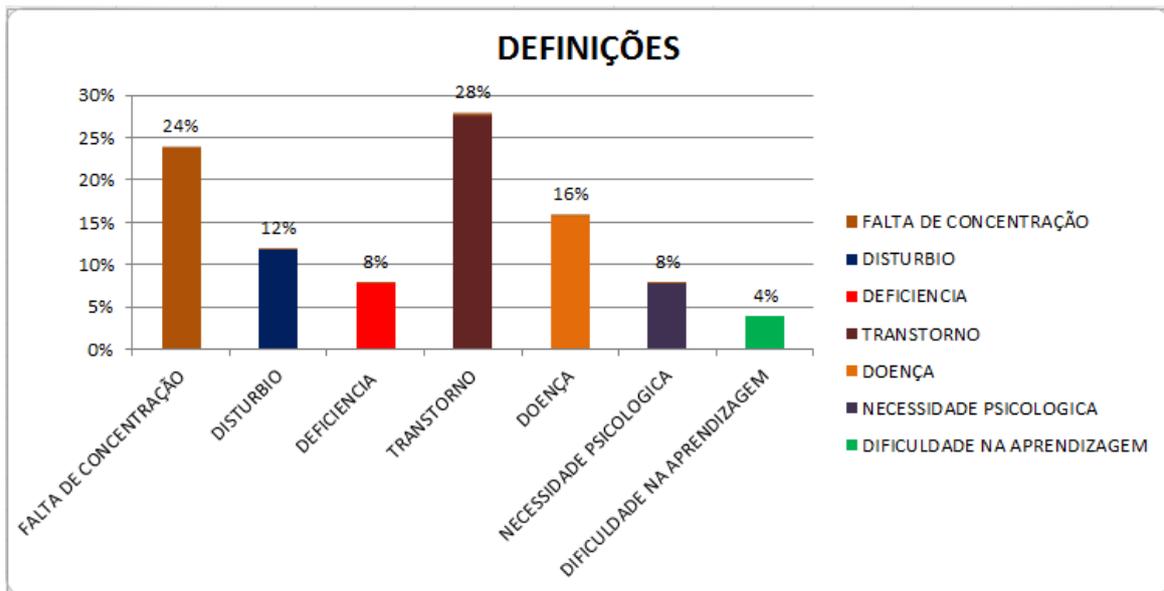
A coleta foi realizada no turno da manhã junto às professoras, todas estavam em função de sua prática docente. No questionário havia oito perguntas direcionadas ao TDAH, quatro perguntas abertas, e quatro fechadas de forma que estas foram categorizadas e analisadas.

A amostra se deu por 25 professores, todos do sexo feminino, com idade média entre 20 e 44 anos. Dos pesquisados, 12 são formados em Pedagogia, 7 estão em formação do curso, 1 formada em Geografia, 1 possui pós graduação em Pedagogia, 1 possui magistério, 1 é licenciada em língua inglesa, 1 formada em letras português e 1 não respondeu. No que diz respeito ao tempo de atuação, o número varia entre 1 ano à 27 anos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir teremos os resultados relativos à primeira questão norteadora do estudo que foi buscar compreender o que entendem os professores por Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. As respostas podem ser observadas na figura a seguir.

Figura 01: Definições de TDAH segundo as professoras.



Fonte: Organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Conforme mostra o gráfico 1, podemos verificar que 28% dos professores definem o TDAH como Transtorno, em seguida, 24% disseram que TDAH trata-se de Falta de Concentração, 16% como Doença, 12% descreveram como Distúrbio, 8% como Deficiência, 8% como Necessidade Psicológica e 4% como Dificuldade na Aprendizagem.

A partir desses resultados podemos considerar que as respostas das professoras estão agrupadas em três grandes subgrupos. O primeiro subgrupo define o TDAH a partir de distúrbio, transtorno, deficiência e doença, outro subgrupo que trata o TDAH a partir de sintomas, como: falta de concentração, necessidade psicológica e problema intelectual, e por fim, apenas quatro professores definiram como dificuldade na aprendizagem. Com isso, verificamos que o índice mais elevado foi o número de professoras que considerou o TDAH como um transtorno.

É preciso diferenciar o que é transtorno, o que é distúrbio, o que é deficiência e o que é doença, pois nas palavras dos professores os mesmos disseram que:

Quadro 1: Definição de TDAH associando à transtorno

Professora 1. “TDAH é um transtorno no qual a criança não consegue realizar suas atividades com atenção, não consegue parar e ouvir e qualquer coisa pode irritar. ”
Professora 2. “É um transtorno neurológico que apresenta algumas características nas crianças e que dificultam em sua aprendizagem. ”
Professora 3. “ É um transtorno que é caracterizado principalmente de a atenção e hiperatividade ”
Professora 4. “ Como o próprio nome diz, trata-se de um transtorno neurológico, o qual se evidencia durante a infância e atrapalha a criança na idade escolar devido a um dos seus principais sintomas que é a desatenção.. ”
Professora 5. “Entendo que trata-se como o próprio nome traz de transtorno que prejudica a

aprendizagem do aluno, por trazer características de descontrole que não adequa-se ao ensino atual brasileiro . ”

Professora 6.

“Entendo que é um transtorno de déficit de atenção com hiperatividade.”

Professora 7.

“Um transtorno onde crianças ou adultos possuem dificuldade em se concentrar e conseqüentemente dificuldade no seu cognitivo. ”

Fonte: Quadro organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Quadro 2: Definição de TDAH associando à distúrbio

Professora 1.

“É um tipo de distúrbio que prejudica a concentração da criança com relação a aprendizagem em todos os níveis. ”

Professora 2.

“Distúrbio de memória, de concentração, percepção de linguagem ou interação social.”

Professora 3.

“ É um distúrbio que se caracteriza por desatenção, desassossego e impulsividade, a criança tem dificuldade em manter o foco nas atividades propostas em sala o que acaba tirando o potencial psicopedagógico dessa criança. ”

Fonte: Quadro organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Quadro 3: Definição de TDAH associando à deficiência

Professora 1.

“Uma deficiência. ”

Professora 2.

“Uma deficiência causada por irregularidades neurológicas, que surge na infância como um fator genético.”

Fonte: Quadro organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Quadro 4: Definição de TDAH associando à doença

Professora 1.

“Doença crônica, que inclui dificuldades de atenção, hiperatividade e impulsividade.”

Professora 2.

“Uma doença que não tem cura, acompanha o indivíduo até a sua fase adulta. Atrapalha muito a vida das pessoas, pois impede que as pessoas se concentrem e realizem atividades do cotidiano com êxito. ”

Professora 3.

“ É uma doença que afeta o cérebro, tendo início cedo na infância, podendo acompanhar a pessoa durante toda a vida.”

Professora 4.

“ É uma doença que afeta o desenvolvimento e aprendizagem do sujeito, mas não impede o mesmo de aprender. ”

Fonte: Quadro organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Segundo Colares e Moysés (1994), o TDAH pode ser considerado um distúrbio de aprendizagem, pois os mesmos afirmam que distúrbio da aprendizagem é:

Distúrbio de aprendizagem é um termo genérico que se refere ao grupo heterogêneo de alterações manifestas por dificuldades significativas na aquisição e no uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas alterações são intrínsecas ao indivíduo e presumivelmente devidas à disfunção do sistema nervoso central (COLLARES e MOYSÉS, 1992, p.32).

Sendo assim, pode-se considerar que distúrbio e transtorno compreendem as dificuldades de aprendizagem, o que corrobora para este estudo e para compreensão mais conceituada de cerca de 40% dos sujeitos participantes desta pesquisa, que elencaram TDAH como distúrbio e transtorno. Compreende-se que o termo está familiarizado no cotidiano escolar dos professores participantes, através das respostas obtidas que enfatizaram o conhecimento não apenas técnico, mas também teórico, pois ao terem caracterizado uma determinada necessidade educacional especial, elencaram o principal aspecto da mesma.

O TDAH também foi um termo definido como deficiência pelos sujeitos pesquisados.

A educação especial no Brasil encontra-se, ainda, em processo de implementação. Muitos são os empecilhos encontrados por pessoas com deficiência, seja em escola, transportes públicos, vias públicas, bancos, casas lotéricas, supermercados ou mesmo em espaços de convivência social, tais quais shoppings, praças, parques, todavia, mediante reivindicações dessa população e da legislação brasileira, as demandas estão sendo, aos poucos atendidas, principalmente no que diz respeito aos espaços escolares (SILVA et al, p. 106. 2019).

As conquistas das pessoas com deficiência têm aumentado cada vez mais, contudo a pessoa com TDAH ainda precisa de uma maior visibilidade na sociedade contemporânea e não pode ser compreendida por profissionais do âmbito educacional de forma errônea, deve-se buscar desenvolver novos estudos que desconstruam paradigmas societais.

Apenas 8% da amostra não compreendem que deficiência trata-se de uma exteriorização de um estado patológico, refletindo um distúrbio orgânico, uma perturbação no órgão conforme afirma Amiralian (1999).

Deficiência: perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais (AMIRALIAN, 1999, p. 3).

Apenas duas professoras, entre dez e doze anos de docência abordam o TDAH de forma equivocada, muito embora as mesmas possuam uma vasta experiência prática com relação ao desenvolvimento de atividades pedagógicas com tais educandos é perceptível que as teorias que norteiam a educação inclusiva pouco são aprimoradas.

Conforme apresentado na Resolução n° 4 de 2009, o docente deve ter uma formação inicial, esta que o habilitará para a prática docente, bem como formação específica em Educação Especial. A formação deverá ter apoio técnico e financeiro, fomentados pelo governo federal, no qual busque estimular a *práxis* docente, conforme estabelecido no art. 5º, § 2º, inciso III, do Decreto 7.11/2011.

As esferas governamentais têm o papel de promover e fomentar a formação continuada, com ênfase na Educação Inclusiva, para que assim haja uma (Re) significação do docente para o desenvolvimento de uma *práxis* que atribua significado ao educando.

Segundo a Inclusão: Revista da Educação Especial (BRASIL, 2008), a educação especial é compreendida como modalidade que perpassa todos os níveis e etapas de ensino, é definida ainda como uma proposta pedagógica que assegura recursos, serviços especializados e atendimento às necessidades escolares especiais dos alunos e têm provocado mudanças nos sistemas educacionais, possibilitando que cada vez mais alunos sejam incluídos no ensino regular (SILVA et al, 2019, p. 106).

Ao classificar o TDAH como doença os entrevistados corroboram com o aumento da ausência de conhecimentos considerados básicos da especificidade da criança. Conforme a OMS (Organização Mundial da Saúde) em 1948, define que podemos compreender que doença é um conjunto de sinais e sintomas específicos que afetam um ser vivo, alterando o seu estado normal de saúde. Portanto não se pode caracterizar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade como doença uma vez que o mesmo trata-se de um distúrbio comportamental, o que difere da doença, pois não há alteração na saúde do educando, apenas no seu intelecto.

Neste grupo trataremos dos sintomas do TDAH conforme as respostas dos sujeitos que caracteriza esta pesquisa, a falta de concentração é compreendida como um sintoma do TDAH, porém 24% dos professores afirmaram que essa seria sua definição, conforme abordado anteriormente e segundo os estudos que embasam esta pesquisa é necessário que seja atribuído ao TDAH a definição correta da necessidade e que não haja generalizações e sim que busque compreender a singularidade da mesma. Outro sintoma descrito pelas professoras é a necessidade psicológica, contabilizando apenas 8% da amostra, o que implica dizer que na contemporaneidade os distúrbios e transtornos educacionais ainda são compreendidos como patologias psíquicas como no século passado, desfavorecendo a inclusão.

Mantoan (2003) destaca que as implicações nas lacunas da formação docente não podem ser impedimentos para o processo de inclusão, a escola de qualidade deve reconhecer todas as diferenças possíveis no âmbito humano.

Como se pode constatar pelas respostas das professoras, 8% das pesquisadas responderam que TDAH trata-se de uma necessidade psicológica, para uma melhor compreensão acerca da temática desta resposta faz-se necessário destacar as contribuições de Conceição e Vasco (2005) que referem-se às necessidades psicológicas como componentes psicológicos essenciais e universais, constituindo os nutrientes da vida psíquica. Podemos ter acesso às mesmas através de sentimentos e ações, bem como através da sua influência nos processos de percepção, memória e pensamento, que num contexto intrapsíquico, que num contexto interpessoal. Portanto, não se trata de uma necessidade educacional, mas de uma necessidade no qual o ser humano carece em sua globalidade psíquica.

A dificuldade na aprendizagem é um sintoma característico do TDAH, portanto compreendido por apenas 4% das docentes como o conceito do transtorno. É notório que as entrevistadas, compreendem a maioria das características, devido a sua observação e prática cotidiana, contudo esses aspectos devem buscar uma compreensão mais teórica, para que a partir da teoria, busque-se inovações de métodos que melhorem o ensino e aprendizagem de tais educandos, conforme a realidade do âmbito educacional, bem como deve-se investir cada vez mais em formação continuada.

Ibernón (2009) afirma que as mudanças realizadas na educação, estão atreladas as mudanças no professor, bem como as modificações que venham a ser feitas precisam estar acopladas ao contexto da escola, uma vez que a mesma possa vir a possuir limitações ou impossibilidades para a realização das alterações. Contudo, a formação continuada só será de grande ganho para professores e escolas se estiverem dentro do contexto no qual estão inseridos.

Dando continuidade, buscou-se compreender mais sobre o que pensam os professores sobre o tema TDAH, conforme à tabela abaixo existem cinco questões que nos ajudam nesse sentido.

Quadro 5: Questionário destinado aos professores.

Perguntas	Sim	Não	NR
2. Você tem algum aluno diagnosticado com TDAH?	40%	60%	
3. Você tem algum aluno sem diagnóstico, mas que você suspeite que tenha TDAH?	64%	32%	4%
4. Já recebeu algum tipo de capacitação sobre o que é TDAH para trabalhar com alunos que tenha esse transtorno?	20%	76%	4%
5. Você se sente preparada para o ensino de crianças com TDAH?	8%	72%	20%
6. Você sabe quais são as características que a criança apresenta quando tem TDAH?	84%	12%	4%

Fonte: Quadro organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

A segunda questão foi relacionada quanto ao professor ter algum aluno diagnosticado com TDAH. Dos professores pesquisados, dez disseram que sim, o que equivale a 40% e quinze dos professores disseram que não, o que equivale a 60%. A terceira pergunta foi se as professoras têm algum aluno sem diagnóstico, mas que suspeita que tenha o TDAH. Dezesesseis professoras disseram que sim, o que equivale a 64%, oito disseram que não, equivalente a 32% e uma não respondeu, o que equivale a 4%. A quarta questão foi se as professoras já receberam algum tipo de capacitação para trabalhar com alunos que tenham o transtorno. Cinco professoras disseram que já receberam capacitação, o que equivale a 20%, dezenove responderam que não receberam equivalentes a 76% e uma não respondeu equivalente a 4%. A quinta questão foi pra saber se as professoras se sentiam preparadas para o ensino de crianças com TDAH. Das vinte cinco professoras, duas disseram que sim, equivalente a 8%, 18 disseram que não, o que equivale a 72% e cinco não responderam, ou seja, 20%. A sexta questão foi para saber se as professoras sabiam quais eram as características, destas, 21 disseram que sim, equivalentes a 84%, três disseram que não, equivalente a 12% e uma não respondeu, equivalente a 4%.

Ao ser analisado o quadro acima, percebemos que é considerável a quantidade de professores que possuem alunos diagnosticados com TDAH. De acordo com o autor Barkley (1999) com relação ao diagnóstico, ele só pode ser dado através de uma avaliação médica, mediante uma rigorosa investigação da história do paciente.

Segundo Hernández (2007)

São imprescindíveis a presença adicional de outros critérios, sem os quais não se pode diagnosticar uma criança com TDAH: impedimento funcional, presença dos sintomas em dois ou mais ambientes diferentes, conduta que afeta negativamente sua adaptação social, escola ou outros ambientes (HERNÁNDEZ, p. 128. 2007).

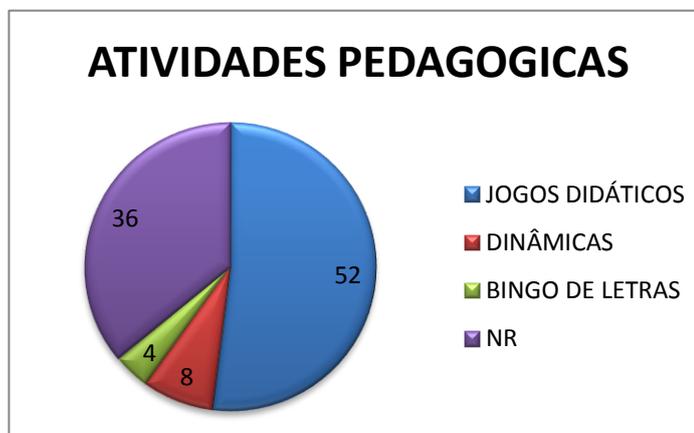
Para identificação da sintomatologia do TDAH conforme defendido por Hernández (2007) é necessário que a criança apresente as mesmas em mais de um ambiente diferente, no intuito de investigar se a conduta da mesma sofre alterações.

Quando questionados acerca de capacitação para lidar com crianças com TDAH, os índices do presente estudo apresentaram níveis muito altos, de professores que se sentem

incapacitados, bem como despreparados para lidar com tais crianças o que corrobora para o fracasso escolar, bem como para que de fato não ocorra o processo de inclusão.

A sétima pergunta do questionário, foi para saber quais eram as atividades que as professoras realizavam com os alunos diagnosticados com TDAH, vamos analisar conforme o gráfico abaixo.

Figura 02: Atividades Pedagógicas desenvolvidas pelas professoras.



Fonte: Organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários.

Conforme mostra o gráfico 2, podemos perceber que treze professoras realizam atividades com jogos pedagógicos, o que equivale a 52%. Em seguida, com o percentual de 36%, nove professoras não responderam nenhum tipo de atividade. Percebemos também que apenas duas professoras realizam dinâmicas com essas crianças, equivalente a 8%, e com menor frequência, apenas uma professora disse que realiza bingo de letras, equivalente a 4%.

Diante do que foi analisado, o professor na condição de mediador do conhecimento, é necessário que este possua meios que possibilitem deter a atenção da criança durante as aulas, para isso, é de extrema importância que o docente utilize de diversos recursos pedagógicos para que possa despertar no aluno o interesse para que possibilite uma melhor aprendizagem. Assim como foram citadas pelas próprias professoras, atividades pedagógicas como: jogos e dinâmicas, que podem contribuir para aguçar o interesse dos alunos com TDAH. Visto que o professor é de fundamental importância na vida da criança, Benczick (2003), afirma:

A presença de professores compreensivos e com conhecimentos a respeito do transtorno, a disponibilidade de sistemas de apoio e oportunidades para se engajar em atividades que conduzam ao sucesso na sala de aula, são imperativas para que um aluno com TDAH possa desenvolver todo o seu potencial. (BENCZIK et. al.; p. 217 2003).

Antes de tudo é necessário que o professor compreenda os aspectos do TDAH, para que este possa saber conduzir as aulas, fazendo com que os alunos desenvolvam-se cognitivamente, socialmente e psicologicamente, o mesmo deve buscar cada vez mais aprofundamento no que diz respeito ao transtorno, no intuito de obter sucesso na *práxis* de seu cotidiano.

A criança diagnosticada com TDAH não é menos inteligente do que a criança que não apresenta o transtorno, mas é necessário ter uma atenção maior voltada para esta. Com isso, é papel do professor proporcionar para a criança condições favoráveis para facilitar o processo de ensino aprendizagem. Cabe salientar que, é função não apenas do professor, mas

principalmente da escola, dar possibilidades e ceder recursos pedagógicos para se trabalhar com o aluno. Sobre o papel do professor, o autor Farrel (2008), afirma:

Encorajar o estudante TDAH a explorar os mais variados materiais sobre um determinado conteúdo/assunto que será trabalho/ensinado em sala de aula, antes que o ensino ocorra. Ajuda-lo na escolha do “melhor” material para ele, do mais “atraente”, aquele que mais lhe chamou a atenção, pois assim estará familiarizado e estimulado em prestar a atenção no próximo “passo” da aula. Para isso, o professor precisa explorar pesquisar e conhecer os materiais escolhidos previamente, assim é mais provável que o aluno seja capaz de responder as atividades propostas com mais autonomia e atinja o objetivo de finalizá-las integralmente. (FARREL, p. 4, 2008),

Para que o aluno aprenda é necessário que o docente crie condições de aprendizagem, contribuindo para as representações e as hipóteses que os alunos constroem mediante à exploração do meio, nas relações cotidianas.

A oitava pergunta do questionário referiu-se aos desafios encontrados no ensino de crianças com TDAH, veremos no quadro a seguir os maiores desafios que foram listados na através da fala das professoras.

Tabela 1: Desafios encontrados no ensino de crianças com TDAH.

DESAFIOS NO ENSINO DE TDAH	FA	(%)
Família	4	16
Criança	6	24
Formação inicial	6	24
Capacitação	5	20
Falta de incentivo	1	4
Aulas inovadoras	1	4
Sensibilização do professor	1	4
Recursos Pedagógicos	1	4
TOTAL	25	100

Fonte: Quadro organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Conforme o quadro acima, podemos verificar que a maior frequência foi ao que diz respeito à criança e a formação inicial. Sendo 24% ambos os percentuais, o que equivale a seis professoras. Em seguida, o segundo maior desafio no ensino de crianças com TDAH citado pelas professoras foi à questão da capacitação, apresentando em um percentual de 20%, correspondente a cinco professoras. O terceiro desafio foi à questão familiar, com 16% de frequência, equivalente a quatro professoras. Logo após, quatro desafios apresentaram o mesmo percentual, sendo eles, falta de incentivo, aulas inovadoras, sensibilização do professor e recursos pedagógicos, estes aparecem com a frequência de 4%, o que equivale a uma professora por cada desafio.

A culpabilização na criança e a formação inicial são fatores bastante frequentes em estudos que embasam acerca do TDAH, muitas são as indagações de necessidades emergenciais, para o desenvolvimento da aprendizagem. Porém o professor precisa compreender que sua formação inicial o prepara unicamente para ingressar no mundo de trabalho é na prática que se aprende a ser docente a desenvolver estratégias. Apenas através de capacitações que enfatizem conceitos científicos o professor será capaz de deixar de reproduzir de forma errônea que a criança tem uma parcela de culpa por ter sido acometida com um distúrbio.

Portanto faz-se necessário retomar a discussão acerca da importância das esferas governamentais em estimular e fomentar a formação continuada no que diz respeito à Educação Especial, buscando a *priori* melhores índices e uma melhor qualidade na educação inclusiva.

Gatti (2010) alega que a presença de diversidade de necessidades, bem como de condições, atribui uma reflexão, que busca orientar com segurança seja a formação inicial docente quanto a formação continuada de forma diversificada atribuídas no currículo conforme a pluralidade do Brasil.

Conforme os dados obtidos neste estudo, as professoras alegam que a família seja um grande desafio, como apresentada na fala das entrevistadas, por diversas vezes a família não aceita que a criança possui uma necessidade educacional especial, bem como enfatizam que se a família participasse de forma mais ativa do processo de ensino aprendizagem, buscando propor ao invés de conflitos, o desenvolvimento das crianças com TDAH, seria mais eficiente.

É imprescindível que a família compreenda o Transtorno, seus sintomas e efeitos, a fim de criar estratégias para lidar com a criança de modo positivo e buscar formas para viabilizar e manter o tratamento destes sujeitos, o que, certamente, contribuirá para o bem-estar de todos e, possivelmente, melhor desempenho do portador de TDAH em suas atuações nas esferas familiar e social (ROCHA, p.58. 2018).

Conforme afirma Rocha (2018) a família, pode auxiliar bastante no desenvolvimento da criança com TDAH, por isso a importância da mesma estar imersa no âmbito educacional, buscando orientações, para que em casa sejam realizadas as estratégias que são iniciadas no intuito de controlar os sintomas típicos do transtorno.

Por fim nas falas das entrevistadas ainda foram citados como desafios a falta e a precarização de recursos pedagógicos, o que é um problema global na educação brasileira, mas que ao mesmo tempo não justifica a falta de inovações no ensino seja para crianças com TDAH ou não, obviamente que quanto mais recursos, mais a aula se torna atrativa, mas é necessário atribuir significado ao ensino aprendizagem a partir dos recursos possíveis.

A falta de incentivo nos cursos de formação, abordada por uma professora não pode ser considerada como uma generalização, pois grande parte do aporte teórico do presente estudo, se deu a partir de artigos publicados por acadêmicos que visam melhorias na qualidade da educação especial, portanto vale ressaltar que as pesquisas sobre o TDAH, tem aumentado desde a última década. É necessário que os professores busquem estes materiais de fácil acesso e gratuito para uma melhor compreensão acerca da temática.

A sensibilização em compreender o educando em sua totalidade deve partir do professor, uma vez que o mesmo é o ator principal no processo de escolarização como afirma Tardif e Lessard (2014) e deve buscar favorecer a aprendizagem dos educandos sem nenhuma distinção, sendo um agente promotor da inclusão.

5 CONCLUSÃO

O transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é um transtorno que está muito presente nos dias atuais no âmbito educacional. Sendo assim, com a grande demanda de crianças com TDAH nas instituições de ensino, surge a grande necessidade de haver capacitações de professores nas escolas, no intuito de que estes criem estratégias que os ajudem no ensino destas crianças.

O TDAH sendo um tipo de necessidade educacional necessita que a escola, assim como todos os que compõem a equipe pedagógica, incluindo os professores tenha um olhar voltado para a inclusão dessas crianças no processo de ensino aprendizagem, pois a criança que possui o transtorno precisa de auxílios, de uma metodologia diferenciada que consiga

prender a atenção no momento das aulas.

Dessa maneira, o presente estudo buscou compreender o que os professores entendem sobre a temática abordada neste trabalho. Foi possível identificar na amostra que grande parte dos professores sabe a definição do transtorno, bem como sabem as principais características do mesmo. Entretanto, grande maioria como foi visto na pesquisa, cerca de 72% não se sentem preparados para lidar com esse público, e o maior motivo de não saber lidar com esse tipo de transtorno é devido não ter recebido nenhum tipo de capacitação para o ensino de crianças com TDAH.

É necessário que as escolas de fato sejam um espaço de inclusão. Portanto, é imprescindível que estas ao suspeitarem que possuem alunos com algum tipo de necessidade educacional busque investigar qual é o tipo de necessidade. Sendo assim, o diagnóstico da criança é indispensável, pois o mesmo será um ponto de partida para que a escola juntamente com a família e os professores possam saber a maneira correta de se trabalhar com essa criança. A escola também deve proporcionar aos professores capacitações contínuas sobre esse tipo de necessidade educacional, para que seja possível um ensino efetivo. Necessário se faz que as escolas junto à família saibam acolher as crianças com TDAH, para que ela não se sinta excluída e/ou inferior as outras.

É importante que após o diagnóstico dos alunos com TDAH os professores procurem meios que visem atrair a atenção da criança, por meio de atividades pedagógicas, dinâmicas e outros recursos que visem o bem estar da criança e o mais importante a sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Cacilda. **Instituto Paulista de Déficit de Atenção IPDA**, 2010.
Acesso em: 10/06/2019.
Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/50525034/tdah-transtorno-deficit-de-atencao-e-hiperatividade/2>
- APA. (Associação Americana de Psiquiatria). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV)**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BARKLEY, Russell. A. **Attention – Deficit/Hyperactivity Disorder: A handbook for diagnosis and treatment**. 2a ed.. New York. 1999.
- BARKLEY, Russell. A. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Manual para diagnóstico e tratamento**. Porto Alegre. Artmed. (2008).
- BARKLEY, Russell. A. **Transtorno do déficit de atenção/hiperatividade – TDAH: guia completo para pais, professores e profissionais da saúde**. Porto Alegre. Artmed. 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella .Mariz. MACHADO, Veruska, Ribeiro. CASTANHEIRA, Salente. Flóres. **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COLLARES, Cecília. Azevedo. Lima. MOYSÉS, Maria, Aparecida . Afonso. **A história não contada dos distúrbios de aprendizagem**. Cadernos CEDES nº 28, Campinas. Papyrus, p. 32. 1992.
- ESTANISLAU, Gustavo; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (orgs.). **Saúde mental na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FARREL, Michael. **Dificuldades de Aprendizagem moderadas, graves e profundas: guia do professor**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GATTI, Bernadete, Angelina. et al. **Formação de professores para o ensino fundamental: instituições formadoras e seus currículos**. Estudos & Pesquisas Educacionais, Fundação Victor Civita, São Paulo, n. 1, 2010.
- HERNANDÉZ, González. Martinez. C. **Transtorno por déficit de atención e hiperactividad**. Revista Peruana de Pediatría, p. 126-131, (2007).
- MANTOAN, Maria. Eglér. **A hora e a vez da educação inclusiva. Educação e família - Deficiências: a diversidade faz parte da vida**. São Paulo, 2003.
- LIBANÊO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. 3ª Ed, Goiânia: Alternativa, 2005.
- LOUZÃ NETO, Mário Rodrigues. **TDAH – transtorno de déficit de atenção/hiperatividade ao longo da vida**. São Paulo: Artmed, 2010.
- REIS, MARIA das Graças Faustino. **Práticas escolares e desempenho acadêmico de alunos com TDAH**. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a07.pdf>>

ROHDE, Luis Augusto. BENCZIK, E. **Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade: O que é? Como ajudar?** Porto Alegre. Editora Artes Médicas, 1999.

SENO, Marília. Piazzzi. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): O que os educadores sabem?** São Paulo. 2010.

SILVA, Maria das Dores, Trajano. Et al. Dialogos Sobre Inclusão. V. 2. Cap. 11. **Discutindo a aprendizagem de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na escola pública.** Atena. 2019.

TARDIF, Maurice; LESSAARDE, Claude; **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**, 9.ed. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente por tudo que tem me concedido até aqui, por mais um sonho realizado em minha vida, por me dá forças, condições e capacidade de concluir esse curso, mesmo com tantas dificuldades e adversidades encontradas pelo caminho.

À professora orientadora Tatiana Cristina Vasconcelos, por todas as orientações, por toda dedicação, todas as palavras de incentivo que me fizeram confiar que seria capaz de chegar até aqui.

Aos meus familiares pela força, incentivo e compreensão quando nos momentos íntimos da família não pude estar presente devido à grande demanda de atividades acadêmicas. Em especial a minha mãe, Edinalva Alves de Lima, que sempre me apoiou e acreditou em mim, mesmo quando em muitos momentos me senti incapaz. As minhas irmãs Aluska Lima da Silva e Valeska Mariele Lima da Silva de Aquino, pelo apoio, pelas palavras de incentivo.

À Hiago Soares, um amigo que me apoiou desde o início do curso, que sempre que precisei não mediu esforços para me ajudar, sou muito grata por tudo. A minha grande amiga, Maria das Dores Trajano da Silva, que foi a pessoa que mais me deu suporte durante todo o curso, sendo mais que uma irmã nessa caminhada, me ajudando nos trabalhos acadêmicos, me incentivando mesmo quando inúmeras vezes pensei em parar no meio do caminho, foi a pessoa que me recebeu em sua casa, junto com o seu esposo Ricardo, quando precisávamos estudar para apresentarmos nossos seminários e atividades juntas, sempre esteve comigo nas horas que mais precisei, sorrindo e chorando comigo em todos os momentos, assim como o seu Irmão Thiago Trajano, obrigada por tudo. À Thayná Souto Batista e Yasmim Maria Santiago, pelo companheirismo e cumplicidade durante nossas apresentações dos seminários, pelos momentos de risadas que vocês me proporcionaram, mesmo quando estávamos super atarefadas e aflitas com tantos trabalhos acadêmicos para darmos conta, obrigada meninas por fazerem parte dessa história. A todos os professores do curso, que contribuíram ao longo desse tempo, por meio das disciplinas e debates, para a aquisição dos meus conhecimentos.

As colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial a Evelly, Piedade e Kátia que sempre quando precisei me ausentar da aula por algum motivo pessoal, elas me ajudaram me atualizando sobre atividades e conteúdos estudados em sala.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ELABORADO PELA AUTORA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CURSO DE PEDAGOGIA

Esse questionário visa conhecer sobre o que professores da Educação Básica pensam acerca do ensino de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Gostaríamos de contar com a sua colaboração e desde já agradecemos.

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: _____ anos

Escolaridade: _____

Formação: _____

Há quanto tempo você atua em sala de aula? _____ meses _____ anos

QUESTÕES

1. O que você entende por Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)?

--

Perguntas	Sim	Não
2. Você tem algum aluno diagnosticado com TDAH?		
3. Você tem algum aluno sem diagnóstico, mas que você suspeite que tenha TDAH?		
4. Já recebeu algum tipo de capacitação sobre o que é TDAH para trabalhar com alunos que tenha esse transtorno?		
5. Você se sente preparada para o ensino de crianças com TDAH?		
6. Você sabe quais são as características que a criança apresenta quando tem TDAH?		
Quais?		

7. Cite duas atividades didáticas pedagógicas que você desenvolve com seu(a) aluno(a) diagnosticado com TDAH visando o seu desenvolvimento.

Atividade 1:

Atividade 2:

8. Na sua opinião, quais os principais desafios para lidar com o processo de ensino aprendizagem de crianças com TDAH?

Obrigada pela participação!